

O charme internacional de FH

■ Indiano se rende ao jeito ocidental de fazer política

O presidente Fernando Henrique conseguiu ontem desconcertar, ao mesmo tempo, o povo que se concentrava em frente à Praça do Portal da Índia — monumento construído em Bombaim, na Índia, em 1911 para receber o rei da Inglaterra, George V — e os seguranças governamentais. Bem humorado, fazendo constantes referências (em português) às semelhanças físicas entre brasileiros e indianos, o presidente posou para fotos e seguiu caminhando para a rua, em direção às pessoas, contidas por um cordão de isolamento.

Mulheres de saris coloridos, homens de turbante e rapazes em roupas ocidentais olhavam, meio sem entender o que estava acontecendo. Entenderam menos ainda quando Fernando Henrique resolveu de repente caminhar em sua direção. Imediatamente todos se afastaram, inclusive os guardas, para lhe dar passagem.

Quando viu que todos abriam caminho, o Fernando Henrique abriu os braços: "*No, no, come here* (não, não, venham aqui)", pediu. Atônitos, os indianos obedeceram, respondendo com apertos de mão e saudações ao gesto presidencial. Uma mulher beijou a mão de Fernando Henrique, embora não tivesse, como explicou depois, a menor idéia de quem se tratava. À vontade, os indianos perguntavam: "*How are you, sir?* (Como vai o senhor?)" E Fernando Henrique respondia, sorridente: "*Fine, fine.* (Bem, bem)".

Os seguranças indianos, que na véspera tinham desistido de tentar afastar quem se aproximava de Fernando Henrique, naquela altura já pediam licença aos que estavam perto, explicando que precisavam ficar próximos ao presidente. Como Fernando Henrique tinha acabado de dizer que não participaria da campanha eleitoral no Brasil, um amigo brasileiro aproximou-se e perguntou se ele estava então fazendo cam-

panha em Bombaim. "Em Bombaim pode", brincou.

Mas Bombaim, mesmo sem saber a razão, viveu ontem um dia diferente. O trânsito parou nas principais avenidas para a passagem da comitiva presidencial.

Mais tarde, no almoço com os empresários indianos, o presidente fez referência ao episódio e explicou: "No Brasil, estamos acostumados a essas manifestações". O mais surpreendente de tudo para os indianos — que vivem sob o sistema de castas pelo qual os inferiores não têm o direito sequer de olhar para quem socialmente se localiza num patamar acima, foi ver ali um homem que seria o equivalente a um brãmane (a casta mais alta) — se misturando ao povo, aos abraços.

Ao entrar no hotel Taj Mahal, onde almoçaria com os empresários, foi saudado por duas indianas com a cerimônia do *tilla*, um ritual de boas vindas. Uma delas colocou no pescoço de Fernando Henrique um colar prateado decorado com flores brancas, que

pesava dois quilos e ia até à altura do joelho, enquanto a outra, segurando uma pequena bandeja com uma vela acesa, a chama em torno do corpo de Fernando Henrique numa cerimônia de purificação. Em seguida, fez uma marca com tinta vermelha na testa do presidente, um desejo de boa sorte.

Foi a primeira vez, durante a viagem, que Fernando Henrique andou pelas ruas da Índia. Ao contrário de Nova Délhi, uma cidade triste, Bombaim é a maior cidade da Índia, com 13 milhões de habitantes, e é o centro financeiro e econômico do país. Ali os carros são mais modernos que os de Nova Délhi, embora sejam todos igualmente ultrapassados em termos de modelo e mecânica. Desenvolvem a velocidade máxima de 80 quilômetros por hora e custam muito caro para os padrões indianos, cerca de US\$ 8 mil, num país em que o salário de um PhD gira em torno de US\$ 1.000 e o de um engenheiro fica em torno de US\$ 180 (D.K.)